

DISCURSO DE RESISTÊNCIA ÀS AVESSAS: O CASO DO PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL A RESPEITO DA PANDEMIA

Anderson Silva¹

RESUMO: Este artigo objetiva evidenciar um discurso de resistência às avessas, no qual o Presidente da República procurou descredibilizar os fatos e recomendações dos discursos científicos, largamente conhecidas no país e no mundo, a respeito das medidas de prevenção contra o Coronavírus. Para tal empreendimento, recorremos aos construtos teórico-metodológicos da Análise Dialógica do Discurso, tendo como instrumentos de análise os conceitos de enunciado concreto, relações dialógicas e polêmica aberta. Em termos organizacionais, utilizamos como base o pronunciamento disponibilizado na página oficial do governo federal, no qual delimitamos por sua versão escrita. Em nossas considerações finais, observamos relações dialógicas dissonantes ao que foi recomendado pela Organização Mundial de Saúde, bem como pelas autoridades sanitárias brasileiras, governadores e prefeitos, indo contra a tudo que a ciência recomendava, caracterizando um discurso de resistência ao que foi comprovado pela ciência e experiência de países que passaram pela pandemia antes do Brasil. **PALAVRAS-CHAVE:** Polêmica aberta. Relações dialógicas. Enunciado concreto. Pandemia.

ABSTRACT: This paper aims to highlight a discourse of resistance to the reverse, in which the President of the Republic sought to discredit the facts and recommendations of Scientific discourses regarding the measures to prevent Coronavirus widely known in the country and in the world. For this endeavor, we resort to the theoretical and methodological constructs of Dialogical Discourse Analysis, having as instruments of analysis the concepts of utterance, dialogical relations and open controversy. In organizational terms, we use as basis the pronouncement made available on the official page of the federal government. In our final remarks, we observed dissonant dialogical relations to what was recommended by the World Health Organization, as well as by Brazilian health authorities, governors and mayors, going against everything that science recommended, characterizing a discourse of resistance to what was proven by science and experience of countries that went through the pandemic before Brazil.

KEYWORDS: Open controversy. Dialogical relations. Utterance. Pandemic.

Palavras iniciais

Em meio a pandemia originada pelo Coronavírus² e o crescimento dos casos positivos de COVID-19, bem como das muitas mortes no Brasil no início de 2020 em decorrência da

¹ Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP)/ Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – LAEL/PUCSP. São José dos Campos, São Paulo, Brasil. E-mail: andcs23@hotmail.com.

² Informações do Ministério da Saúde do Brasil: Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. **O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19** após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela

pandemia, na noite de 24 de março de 2020, houve um pronunciamento em cadeia nacional do então Presidente da República Jair Bolsonaro. Indo contra explicitamente ao pedido de isolamento social e ressaltando a amenização das regras desse isolamento, esse discurso destacou-se pelas polêmicas lançadas que desagradaram a imprensa, autoridades de saúde, políticos, parte da população, bem como por figuras próximas dentro do próprio Palácio do Planalto. As opiniões contrárias ao discurso presidencial de flexibilização foram massivamente divulgadas por diversas autoridades de diferentes áreas por meio de jornais impressos, telejornais e pela mídia virtual, por meio de redes sociais de grande circulação, chamando-nos nossa atenção pela temática.

Nesse sentido, alinhada à temática do dossiê deste periódico, esta investigação tem como escopo evidenciar um discurso de resistência às avessas, no qual o Presidente da República procurou desacreditar fatos e recomendações dos discursos científicos a respeito das medidas de prevenção ao Coronavírus. Destarte, esta investigação explicita também a importância que o pronunciamento de um chefe da nação possui, servindo de exemplo, positivo ou negativo, para milhares de cidadãos. Como representante de uma parcela considerável da população, o Chefe do Poder Executivo possui, com seu discurso, uma influência considerável em parte dos seus simpatizantes, algo que pode ser prejudicial, dependendo da mensagem a ser passada por suas palavras e atitudes.

Justificado a constituição deste trabalho, bem como a contextualização sócio-histórica em que se insere nosso objeto de análise, nossas leituras e análises críticas considerarão as polêmicas levantadas pelo discurso apresentado no pronunciamento oficial elegido, bem como as relações dialógicas existentes a partir das afirmações divulgadas por meio da materialidade linguística, o que causou uma sucessão de reações em todos os canais de informação. Desse modo, para embasar nossas discussões, amparamo-nos nos construtos teórico-metodológicos engendrados por Bakhtin e o Círculo, nos quais têm sido largamente difundidos pelo Brasil nos últimos anos como Análise Dialógica do Discurso (ADD). De maneira mais específica, elencamos como conceitos-chave as noções de *enunciado concreto*, *relações dialógicas* e *polêmica aberta*.

primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa. A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1. Víde: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

Para distribuição organizacional, houve a divisão em três momentos. No primeiro, discorreremos a respeito dos conceitos-chave elencados, explicitando essas lentes dialógicas que servirão para leitura, observação e reflexão dos dados. Em um segundo momento, iremos nos ater a respeito da nossa metodologia, vislumbrando o detalhamento de nosso objeto de análise como um enunciado concreto. Por fim, a culminância se dará pelas nossas discussões, a partir do viés dialógico, dos diversos enunciados e polêmicas abertas levantadas pelo Presidente da República em um dos seus pronunciamentos em março de 2020, bem como as relações dialógicas e os efeitos de sentido decorridos desse evento enunciativo.

Análise Dialógica do Discurso: evidenciando a base teórico-metodológica de nossas discussões

Nesta investigação, teremos como base os preceitos teórico-metodológicos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, recorrendo a alguns conceitos-chave que servirão como lentes dialógicas, nas quais poderemos ler cientificamente nossos dados a partir do nosso objeto de análise, sendo que para esta pesquisa, dentre os inúmeros conceitos, nos ateremos nas noções de *enunciado concreto*, *relações dialógicas* e *polêmica aberta*.

Em síntese, os preceitos teóricos desenvolvidos por um grupo de intelectuais na Rússia entre as décadas de 20 a 70 do século passado, começam a se destacar no cenário mundial. Esses pensadores dialogavam com diversas correntes teóricas e áreas do conhecimento, na qual destacamos os nomes de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. Tendo diversas obras publicadas em diferentes países, elas começam a chegar no Brasil, nas décadas finais do século XX, por meio de traduções indiretas. Os escritos do Círculo começaram a ganhar amplitude no meio acadêmico, mas foi no final do século XX que se tornou ainda mais popular no Brasil, momento em que foi engendrado um importante documento educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no qual tiveram diversos teóricos como base, destacando-se as contribuições do chamado Bakhtin e o Círculo, cujo destaque damos para o conceito de *gêneros do discurso* encontrado na coletânea *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2011). Além dessa popularização no meio pedagógico, houve também um crescente aumento de estudos a respeito das publicações do Círculo no meio acadêmico, em diferentes subáreas de Língua e Letras. Com a virada do século, diversos grupos de intelectuais brasileiros, em diferentes centros acadêmicos, começaram a ampliar as pesquisas de perspectiva dialógica, começando a figurar em nosso país como Análise Dialógica do Discurso (ADD).

O *Nuevo diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín* (ÁRAN, 2006), bem com as discussões teóricas delineadas por pesquisadores de ponta, exemplo de Brait e Melo (2008), auxiliam-nos a perceber o delineamento de *enunciado concreto* a partir de sua gênese. Entre os primeiros textos da ADD, no ensaio *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010), o teórico russo investigou o ato ou a ação em sua realização concreta, asseverando que não há enunciado neutro, uma vez que revela o tom axiológico em determinada situação da vida cotidiana. Desse modo, vê-se também o papel fundamental que os sujeitos exercem na enunciação, tornando-se sempre um evento único a partir da interação entre os participantes do discurso. Inserido esse contexto político, o autor-pessoa precisa adaptar a fala, levando em consideração o autor-criador, ou seja, um presidente da república que possui uma influência em parte considerável da nação a partir de suas ações e palavras. Dessa forma, apenas pensando nesse fato, podemos já imaginar essa relação tão complexa entre o *eu* e *outro* a partir da interação enunciativa.

Para uma compreensão de *enunciado* pelo viés bakhtiniano, relembramos as ideias discutidas em *A construção da enunciação* (VOLOCHÍNOV, 2013). Dentro dessas reflexões, compreende-se a reflexão a respeito do intercâmbio comunicativo social e a interação verbal, Volochínov inicia a discussão afirmando que a linguagem é um fenômeno de duas faces: cada enunciado pressupõe a existência de um locutor e de um interlocutor, ou seja, o enunciado é sempre orientado para um ouvinte-interlocutor, mesmo quando não existe uma pessoa próxima e real. No caso, podemos ilustrar um pronunciamento nacional, que tem que objeto a nação brasileira, que configura uma complexidade enunciativa composta por questões de gênero, idade, ideologias, posições políticas etc. Na busca de outros escritos do Círculo que dialogam com a gênese de enunciado, encontra-se no texto *Palavra na vida e a palavra na poesia* (VOLOCHÍNOV, 2013). Em termos gerais, o teórico discute a relação entre a entoação e o contexto cotidiano, afirmando que qualquer tipo de entoação dependerá do contexto no qual ela ocorra, bem como sua compreensão está sempre entre o verbal e não-verbal. Nesse sentido, ainda aludindo ao nosso *corpus*, ou seja, é preciso contextualizar o pronunciamento presidencial em meio a uma pandemia e os diversos problemas em decorrência dessa situação, entre as quais a morte de milhares de brasileiros. Em *O freudismo: um esboço crítico* (BAKHTIN, 2012), Bakhtin defende a ideia de que nenhuma enunciação verbalizada pode ser constituída somente a quem a enunciou, uma vez que é resultado de uma situação social estabelecida entre a interação dos sujeitos. Dessa maneira, por exemplo, um discurso presidencial é engendrado por

várias pessoas próximas e alinhadas ao presidente, em que se configura o reflexo de uma trama enunciativa de vários sujeitos e verbalizada pelo representante do Poder Executivo.

Em acréscimo, em *Marxismo e filosofia de linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), percebe-se como a enunciação é um produto de sujeitos inseridos em um contexto social, no processo de enunciação há sempre os (inter)locutores. Essa relação é construída em um contexto social específico em um dado momento histórico. Desse modo, para analisar o discurso presidencial que elencamos a partir do pronunciamento do presidente brasileiro, elegemos esse como um *enunciado concreto*. No caso, temos como autor-criador o então presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (sem partido político até a escrita deste artigo) que, por sua vez, representa ideologicamente uma posição que reverbera em todas as suas falas e atitudes entre seus apoiadores e opositores.

O *corpus* objeto desta análise parte dos enunciados concretos do presidente brasileiro, enquanto autor-pessoa, indivíduo físico resultante de todas as suas interações nas diferentes esferas, familiar, social, militar e política. Ademais, o discurso apresentado em um pronunciamento oficial foi também resultado de um autor-criador, ou seja, um indivíduo que representa institucionalmente o Poder Executivo da nação, influenciado pelos diversos enunciados de outros articuladores próximos, como os próprios filhos, ministros e assessores de confiança. Destarte, ao analisar as polêmicas abertas levantadas pelo seu discurso, precisamos considerar o sujeito locutor e a trama dialógica que constrói a narrativa dada em um determinado tempo da história.

Em acréscimo, esse *enunciado concreto* pressupõe os interlocutores, que, no caso, a divulgação do pronunciamento em cadeia nacional, em rádio, televisão e em outras mídias digitais tem como objeto a nação brasileira, mas reverbera em outras nações, dado o caráter global do alcance das informações em tempos reais. Nesse ponto, a temática do pronunciamento, conforme o contexto sócio-histórico, pode estar dissonante ou consonante ao pensamento do milhões de brasileiros, fato que pode levantar muitos pontos de vista a respeito de uma determinada posição ideológica e múltiplos efeitos de sentidos.

Além do *enunciado concreto*, outro conceito-chave elegido em nossa investigação são as *relações dialógicas*. A respeito das publicações bakhtinianas, percebe-se que o enunciado apresenta tonalidades dialógicas, sendo preciso considerá-las na compreensão da relação entre os sujeitos envolvidos na cadeia enunciativa. Em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003), o teórico russo mostra uma preocupação explícita com o texto e as questões de (inter)ação. Nesse sentido, aprofunda-se sobre o discurso do autor e das personagens,

asseverando que os discursos entre eles se relacionam entre si, ocasionando as *relações dialógicas*. O termo *relações dialógicas* também é encontrado em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2010). Com o enfoque na crítica literária, explicita que o romance polifônico é completamente dialógico e essa característica não aparece apenas no diálogo entre as personagens, mas há *relações dialógicas* em toda a estrutura romanesca. Ao discutir as particularidades da obra dostoiévskiana, Bakhtin admite que as *relações dialógicas* não pertencem exclusivamente ao campo linguístico, mas são objeto da metalinguística. Desse modo, analisar um *enunciado concreto* apenas pelo seu viés material, preocupando-se com o texto, não condiz com uma prática dialógica, uma vez que se parte dos conhecimentos linguísticos em consonância com os resultados da metalinguística.

Assim as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral e concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 2010, p. 209)

Em seu pronunciamento, o Presidente Bolsonaro acaba lendo um texto que foi escrito antecipadamente por uma equipe de pessoas, nas quais possuem alguns objetivos e ideologias intrínsecas ao pensamento do chefe do Executivo e se revelam na superfície textual. Em uma cadeia ininterrupta de enunciados, esses terão *relações dialógicas* diferentes aos discursos em circulação, caso, por exemplo, do discurso científico que há meses recomendava o isolamento social como uma das maneiras mais eficazes para amenizar os efeitos da pandemia, uma vez que não havia ainda vacina ou um remédio específico para o combate contra a COVID-19³.

Pautados pela perspectiva dialógica e a partir das relações no campo discursivo, procuraremos observar as *relações dialógicas* que se estabelecem entre o pronunciamento presidencial e os diversos enunciados a respeito da pandemia no Brasil e no mundo, procurando assim compreender as consonâncias e dissonâncias.

[...]é pertinente lembrarmos que, na perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a produção de discursos gera sempre outros discursos, numa espécie de arena discursiva na qual se defrontam vozes, posições e valores, configurando-se o que Bakhtin denominou de *palco entre vozes*. (SILVA, 2017, p.43).

³ A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Vide: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

Em consonância com esse pensamento, em nossas discussões, recorreremos a noção de *polêmica aberta* (BAKHTIN, 2010), conceito-chave que possui destaque nas análises que faremos do pronunciamento de Bolsonaro, por tratar-se de ir em um caminho contrário ao que estava sendo propagado pela mídia a partir do discurso de autoridades políticas da época (governadores e prefeitos), bem como pelas autoridades de saúde (representantes da OPAS⁴, OMS⁵, ministro da saúde, secretários estaduais e municipais de saúde, autoridades sanitárias). Considerando a reverberação de discursos negativos causados pelo pronunciamento presidencial no final de março de 2020, lançamos luz a essa palavra bivocal não velada e explicitamente divulgada pelas diferentes mídias.

Pronunciamento presidencial: contextualização do objeto de análise

A partir da perspectiva dialógica, explicitamos uma proposta metodológica a partir de algumas publicações do Círculo. Em MFL (VOLÓCHINOV, 2017), na primeira parte da obra, tematiza o estudo das ideologias e a filosofia da linguagem. Aqui, observa-se a ideia da qual todo signo ideológico possui uma materialização passível de um estudo objetivo.

Para isso, é necessário guiar-se pelas seguintes exigências metodológicas fundamentais:

- 1) Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) Não se pode isolar o signo das formas concretas de comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) Não se pode isolar a comunicação e suas formas de base material.

(VOLÓCHINOV, 2017, p. 110).

Ademais, encontramos uma discussão a respeito da interação verbal, na qual percebemos a ratificação dessa ordem metodológica para a reflexão sobre a língua em uso, não dissociando as formas e tipos de interação verbal, bem como a intercâmbio com outros enunciados. Ressalta-se também o texto enquanto material de análise, pois um *pronunciamento oficial* não é algo aleatório, falado pelo chefe da nação de maneira espontânea, mas parte de uma estruturação argumentativa engendrada por várias pessoas a partir de uma tessitura enunciativa, revelando-se no fio do discurso. Analisando com acuidade pronunciamentos

⁴ Vide: Organização Pan-Americana de Saúde: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875

⁵ Vide: Organização Mundial de Saúde: <https://www.who.int/es/emergencias/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/q-a-coronaviruses>

presidenciais, Silva (2013) mostra que na constituição desse discurso há o atravessamento da relação saber-poder emergido. Segundo essa investigação, mostrou-se indícios de táticas do que chama de adestramento social, com o qual complementamos a partir da elaboração de diversos enunciados alinhados aos interesses do povo, conforme a temática da época, tentando fazer com que os interlocutores façam adesão as ideias colocadas nesse pronunciamento.

Para observar o que se tem pesquisado a respeito da temática no país, fizemos uma investigação no *Catálogo de Teses e Dissertações*⁶. Dentro dos nossos objetivos, delimitamos a partir da expressão pronunciamento presidencial, refinando para grande área do conhecimento *Letras, Linguística e Artes*, nas áreas de *Letras, Linguística, Linguística Aplicada e Língua Portuguesa*. A plataforma oferece os dados a partir de 1987, sendo encontrado um número de 109 trabalhos que foram desenvolvidos sobre a temática: 75 dissertações e 34 teses nessa área, ratificando que o assunto possui relevância e tem sido objeto de interesse de pesquisas de grande robustez. Desse modo, ratificamos também a contribuição da nossa pesquisa para a ampliação das discussões em âmbito nacional, trazendo para agenda a análise de um assunto muito importante, inda mais em se tratando das palavras de um presidente no meio de uma pandemia sem precedentes.

Ilustrando o resultado de uma dessas pesquisas, Barros et al. (2003) apresenta um trabalho que analisa os processos de manipulação e persuasão presentes em um pronunciamento presidencial. Essa pesquisa contribui para fornecer parâmetros de comparação entre discursos dessa natureza, nos quais os enunciados são organizados para obter adesão de seus interlocutores. Com essa investigação, vê-se que os sujeitos enunciadorese se apropriam de várias estratégias discursivas para alcançar seus objetivos, tentando assim manipular e persuadir seu público-alvo. De acordo com Barros (2003), em determinado momento, os chefes de Estado dirigem-se à nação no intuito de obter adesão ao seu projeto político, sendo o pronunciamento um desses recursos institucionalizados. Dentro da perspectiva dialógica, o discurso presidencial, concebido aqui como *enunciado concreto*, constitui-se de enunciados passados, percorre uma trama que se enuncia no presente projetando-se para o futuro, reverberando em efeitos de sentido.

De acordo com as informações do governo federal, de fevereiro de 2019 até março de 2020, houve um número de nove pronunciamentos do então Presidente da República Jair Bolsonaro. Ademais, precisamos levar em consideração que o discurso do chefe da nação

⁶ Pesquisa realizada em abril de 2020. Vide: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

realiza-se em ocasiões importantes, não sendo algo comum de se assistir em cadeia nacional de rádio e televisão aberta. Chamou-nos atenção que em março de 2020, percebemos o número de quatro pronunciamentos oficiais, fato pouco comum em tempos de possível normalidade, mas compreensível com o início da pandemia no país. Desse modo, como critério de delimitação do *corpus*, elegemos o discurso de 24 de março de 2020, pois sua repercussão destacou-se dos demais discursos a partir das polêmicas abertas levantadas pelo chefe do executivo e amplamente comentadas na mídia nacional e internacional.

A partir dessas informações, dentro de uma perspectiva dialógica, temos que considerar o *enunciado concreto* como uma cadeia ininterrupta de enunciados formando uma trama enunciativa. Desse modo, nosso objeto de análise parte de uma página virtual oficial do Poder Executivo em que todos os cidadãos possuem acesso para verificar e acompanhar, não apenas os discursos, mas as informações detalhadas do chefe da nação. Nesse sentido, no próximo segmento iremos dispor o discurso na íntegra, partindo assim para a leitura e análise do *corpus* a partir da perspectiva dialógica.

As polêmicas abertas no pronunciamento presidencial a respeito da pandemia.

Dentro do contexto da pandemia mundial do Coronavírus, no Brasil, nesse período, houve uma mudança radical de todo o cotidiano, tendo o isolamento e o distanciamento social como a melhor forma de prevenir o contágio em massa da população. Nesse período, verificou-se que muitas autoridades sanitárias, bem como autoridades políticas começaram a fazer pronunciamentos diários. No que tange ao presidente brasileiro, além das mídias sociais, houve uma periodicidade maior de pronunciamentos do chefe da nação, sendo que um deles chamou-nos atenção como objeto de análise, dada as diversas polêmicas abertas levantadas.

De maneira organizacional, teremos como referência o discurso escrito disponibilizado pela página oficial do governo federal por meio da internet, no qual reproduzimos no quadro abaixo, sendo que para fins de análise, colocamos uma numeração para cada parágrafo.

Quadro 1: Pronunciamento do presidente brasileiro em 24/03/2020.

- | |
|--|
| <p>(1)Boa noite.</p> <p>(2)Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo.</p> <p>(3)Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então,</p> |
|--|

Discursos de resistência e corpos (re)existentes •

o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.

(4) Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

(5) Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.

(6) Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

(7) O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. (8) Devemos, sim, voltar à normalidade.

(9) Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

(10) O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

(11) No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

(12) Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite.

(13) Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

(14) Aproveito para render minha homenagem a todos os profissionais de saúde - médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores - que na linha de frente nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam.

(15) Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.

(16) Estamos juntos, cada vez mais unidos.

(17) Deus abençoe nossa Pátria querida.

Fonte: página virtual do Palácio do Planalto

Nesse enunciado concreto (1), vê-se uma expressão comum de cumprimento do chefe da nação para todos os brasileiros, início que já (d)enuncia o estilo do locutor. Um *boa noite* parece algo desprezioso para o início de um pronunciamento, mas além de fazer a marcação temporal, dá indícios do tom do sujeito, pois cada chefe da nação acaba dando um tom enunciativo a partir das escolhas lexicais, que não são aleatórias. Nesse caso, uma das leituras é um discurso direto e mais informal, numa tentativa de proximidade com parte dos interlocutores, uma vez que há uma heterogeneidade de posições ideológicas e políticas no âmbito dos eleitores brasileiros. Ademais, a escolha do horário do pronunciamento também não é algo aleatório, pois é no período noturno que a maioria dos trabalhadores estão em casa.

Mesmo em período de isolamento social, principalmente recomendado pelos governos estaduais e municipais, muitos trabalhadores ainda estavam na ativa, segundo os segmentos listados pelas autoridades como setores essenciais, como: saúde, transporte e supermercados, por exemplo.

No segundo parágrafo do pronunciamento (2), vê-se que o presidente introduz sua linha de raciocínio com uma ação realizada para resgatar brasileiros que estavam na China, quando esse país começou ações severas de isolamento e confinamento para conter a propagação do Coronavírus. Nesse ponto, o presidente refere-se aos brasileiros como irmãos, dando entre as possíveis leituras uma relação dialógica de aproximação com seus interlocutores, fazendo-os sentir como parte de uma grande família. Na parte final desse segmento, o chefe da nação explicita que ao resgatar os brasileiros nessa província da China, epicentro inicial da pandemia do COVID-9, houve um sinal amarelo, cor utilizada como sentido de alerta no trânsito e remetendo um olhar mais atento ao que estava ocorrendo no mundo. Essa última afirmação permite aos sujeitos, entre os acabamentos enunciativos possíveis, compreender que o governo começa a se preocupar com a situação causada pelo Coronavírus.

No terceiro parágrafo do pronunciamento (3), logo no primeiro período, explicita para a população que o governo brasileiro já havia preparado para a chegada do Coronavírus no país, tendo em vista o caminho feito pelo vírus, que teve seu epicentro na Ásia e que em poucas semanas alastrou-se pela Europa até chegar a América. No segundo período, o chefe da nação detalha ao povo que o Ministro da Saúde do seu governo estava em contato com os Secretários de Saúde dos estados para um plano de enfrentamento conjunto. Desse modo, deixa subentendido em sua afirmação a corresponsabilidade dos poderes na área da Saúde, uma vez que a administração acaba sendo tríade, ou seja, além do Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais e Municipais também possuem a responsabilidade do cuidado com a saúde no setor público. Ademais, o locutor deixa passar uma ideia de unidade entre os poderes, fato que na prática mostrou-se diferente em muitas ações do governo federal em relação aos Estados, revelando uma relação dialógica dissonante das ações observadas e retratadas pela mídia, de incentivo ao distanciamento social.

Na continuidade do pronunciamento, o presidente fala o nome do ministro da Saúde e elogia o trabalho de preparação do Sistema Único de Saúde (SUS) e os esclarecimentos para o atendimento das possíveis vítimas. Nesse ponto, entre a fala do presidente e suas ações, acabam por (d)enunciar uma relação dialógica dissonante, bem como levanta uma polêmica aberta, pois no discurso apresenta um tom de diálogo e um clima ameno, fato que não se configurou nas

semanas seguintes, uma vez que o ministro da Saúde acabou deixando o cargo e seu sucessor acabou renunciando também ao cargo em menos de um mês, deixando o Ministério da Saúde sem o seu principal gestor por semanas, em pleno aumento de mortes diárias causadas pela COVID-19.

De maneira sucinta, indo ao contrário do pronunciamento feito, o Presidente da República, em suas redes sociais e na mídia dava exemplos negativos para a população, por exemplo, a falta de uso das máscaras ou em algumas aglomerações. Enquanto explicitado em coletiva de imprensa, pelo Ministro da Saúde e pelos secretários municipais e estaduais de saúde, ações para diminuir a propagação do vírus, como o uso de máscaras e o isolamento social, o presidente não usava máscaras em compromissos públicos. Ademais, acabou indo visitar lugares populares, cena típica de períodos eleitorais, causando aglomerações e indo contra as recomendações das autoridades de saúde. Mesmo com os dados e alertas da OMS e toda a evolução da pandemia no país, o presidente acaba atenuando a possibilidade de haver vítimas, tendo em vista todos os números divulgados pela mídia, seja por meio da internet ou outros canais de telecomunicação (nacionais ou internacionais).

No quarto parágrafo (4), após evidenciar o momento de preparação para a chegada do vírus, Bolsonaro inicia com a conjunção adversativa, *mas*. Com isso, vê-se que todas as afirmações dadas no outro parágrafo acabam por ter uma força menor para os argumentos que se sucedem. Afastando do foco principal, a saúde de todos os brasileiros, o que se vê na sequência é um início de uma narrativa que explicita um teor econômico e, principalmente, político. Em uma leitura possível, dada pelo acabamento enunciativo, além de estratégias para salvamento de vidas, Bolsonaro acresce outras questões como *histeria*, *pânico* e *desemprego em massa*.

Nesse sentido, o governo federal acena discursivamente para suas preocupações colocando no mesmo patamar a questão das possíveis mortes causadas pelo aumento da COVID-19, como também pelos possíveis efeitos psicológicos na população e os eventuais efeitos colaterais ocasionados pelo Coronavírus na economia internacional e nacional. Desse modo, na visão do presidente, há uma ação exagerada dos gestores estaduais e municipais, fato que vai contra ao recomendado pelas ações desastrosas em países que não fizeram o isolamento social, como o caso de regiões no norte da Itália, em que houve um número elevado de mortes.

No período final desse parágrafo, Bolsonaro não menciona nomes, mas assevera estar tentando ir contra as ações propostas por esses representantes da Saúde dos governos estaduais/municipais. Como consequência do isolamento, houve o início da recessão e diversos

problemas sociais ficaram mais aflorados como desemprego, mas também violência doméstica, saúde, educação entre muitos efeitos colaterais. No entanto, o que é de senso comum, é a questão da preservação das vidas em primeiro lugar, para posteriormente pensar nessas questões. Vê-se que o governo federal pauta o assunto econômico como agenda principal, deixando em segundo plano a questão da saúde (e das vidas perdidas), em um momento crítico em que não havia vacinas e a iminência de um colapso nas redes públicas de saúde pelo país. Nesse parágrafo, além de configurar uma dissonância ao que foi afirmado no parágrafo anterior, revela uma relação dialógica dissonante ao discurso da ciência em detrimento de um discurso econômico/político, com vias a justificar as futuras contraindicações do isolamento, a retração do mercado e a recessão econômica.

Na continuidade do pronunciamento, no quinto parágrafo (5), o chefe da nação inicia sua explanação, dando ênfase a um outro foco, atacando diretamente os meios de comunicação por meio do seu discurso oficial. Ele assevera que os meios de comunicação foram contrários ao que o governo estava apregoando, intensificando na sociedade a sensação de *pavor e histeria* ao divulgarem o número de mortes na Itália e os problemas diários enfrentados pelo governo italiano com o alastramento do Coronavírus. Nesse ponto, vê-se novamente uma polêmica aberta e uma relação dialógica dissonante à opinião pública, uma vez que a imprensa nacional estava cumprindo seu papel de divulgar os fatos ocorridos em outros países, alertando os erros e acertos ocorridos nessas localidades, auxiliando não apenas os leigos, mas gestores públicos sobre as eventuais consequências de não acatar as recomendações de saúde, em detrimento de um discurso econômico político. Nesse caso, o presidente expõe a questão do *desemprego em massa*, fato que não seria exclusividade do país, mas de todo o mundo, por tratar-se de uma pandemia com consequências globais. Com isso, entre as muitas colocações de Bolsonaro, essa afirmação levanta muitas polêmicas, uma vez que critica o trabalho desenvolvido pelos diversos canais de televisão e mídia impressa.

Para validar sua posição, o presidente resume e dá duas justificativas sobre os fatos ocorridos na Itália, o número de idosos e o clima desse país como fatores para os problemas enfrentados pelos italianos. Com isso, cita a palavra *cenário*, dando a entender que seria uma narrativa criada pela mídia brasileira para espalhar pânico e histeria entre o povo brasileiro, apontando assim um culpado para essa situação. Ademais, pensando nesse enunciado concreto, entre os efeitos de sentidos possíveis é possível depreender que, visando a uma possível reeleição, a crise econômica causada pela pandemia poderia prejudicar os planos do governo, que se antecipa, insinuando culpados para os efeitos futuros, entre os quais citados: as medidas

exageradas de governadores e prefeitos, bem como pela divulgação exagerada da mídia dos efeitos da doença e da pandemia.

Iniciando o sexto parágrafo (6) com a conjunção adversativa *contudo*, acaba por amenizar as suas acusações do parágrafo anterior, afirmando que parte da imprensa tinha há pouco tempo mudado a postura em seus editoriais, pedindo calma e tranquilidade à população. Acaba por elogiar também a imprensa brasileira, bem como o equilíbrio e a verdade fossem preservados. Nesse sentido, deixa transparecer uma relação dialógica contraditória, pois, ao mesmo tempo que indica para a população seu descontentamento com o papel da imprensa, também deixa revelar no fio do discurso uma espécie de amenização, uma vez que não só o presidente, mas todo o governo sabe o papel que a imprensa possui politicamente ao focar em determinados fatos.

Na sequência, o sétimo parágrafo (7) do nosso *corpus* estrutura-se com quatro períodos curtos em que o chefe de estado deixa claro que o vírus havia chegado ao país e estava sendo enfrentado pelo governo, ratificando que tudo aquilo passaria em breve. Com essa linha de raciocínio, o presidente mostra uma sensação de algo passageiro, configurando uma relação dialógica dissonante, indo contra ao que foi noticiado sobre a China, Itália e outros países em que os problemas da pandemia perduraram por meses (como o controle da proliferação do Coronavírus e a diminuição no número de mortes). Ao falar que tudo iria passar logo, na sequência, o presidente elenca três períodos curtos, justificando que a vida precisava continuar, os empregos serem mantidos e o sustento das famílias precisava ser preservado. Aqui, percebe-se um tom apelativo e a posição do governo acaba indo para o lado econômico afetado pelas medidas de contenção do vírus em âmbito nacional, esquecendo que o principal seria o governo federal, em unidade com outras esferas governamentais, traçarem um plano para diminuir o número de perdas de vidas de cidadãos brasileiros. Na entrelinha, há uma relação dialógica com discurso empresarial que queria um relaxamento nas medidas de isolamento, pois as medidas estavam causando prejuízos econômicos para os pequenos, médios e grandes empresários.

No oitavo parágrafo (8), em um período curto, Bolsonaro enfaticamente emprega o verbo *dever*, convocando a sociedade a voltar à normalidade indo contra todas as ações tomadas pelos governos estaduais e municipais no intuito de amenizar o pico de casos de COVID-19, sobrecarregando o sistema de saúde, particular e público. Com mais essa afirmação no pronunciamento, abre-se mais uma polêmica aberta em que a ideia do governo federal era flexibilizar o isolamento/distanciamento social, fazendo com que os simpatizantes do governo desrespeitassem as recomendações de ficar em casa. Estabelecimento uma relação dialógica

conflituosa entre os enunciados proferidos pelo governo federal e as recomendações das autoridades sanitárias na mídia, ou pelos governos estaduais, a população acaba por ficar confusa, fazendo com que muitos afrouxem as medidas de distanciamento social, aumentando as aglomerações, bem como os casos de internação e mortes.

No nono parágrafo (9), Bolsonaro não dá nomes específicos, mas afirma que poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de *terra arrasada*, fazendo um relaxamento na medida de prevenção contra o Coronavírus, que, segundo as autoridades sanitárias e a OMS, até o momento, a melhor maneira seria o isolamento social em massa para conter o rápido avanço do vírus, podendo colapsar o sistema de saúde público, levando dezenas de milhares de pessoas ao óbito, fato esse noticiado diariamente pelos telejornais. Desse modo, novamente vê-se nesse *enunciado concreto* uma relação dialógica dissonante entre a prescrições de isolamento difundidas pelas autoridades sanitárias e as coletivas de imprensa de gestores estaduais e municipais contra o discurso e exemplos do chefe da nação para o relaxamento dessas medidas. Cabe ressaltar que as medidas de fechamento de comércios, por exemplo, foi uma prescrição dada pelas autoridades sanitárias para tentar conter a velocidade de contágio do vírus e não uma indicação de um partido político ou outro como modo de desestabilizar o governo em vigência.

Ademais, dentro do seu raciocínio, o presidente faz uma relação dialógica consonante à esfera militar, quando usa a expressão *terra arrasada*. Nesse ponto, Bolsonaro faz uma alusão as medidas que os governadores estavam tomando em relação às táticas militares utilizadas em grandes guerras, que consistia em destruir tudo que possa ser proveitoso para o inimigo. Em termos gerais, o conceito consistia em uma espécie de retirada militar ou civil dentro de um território em conflito, ao qual para desestabilizar a tropa inimiga, destruíam tudo que pudesse ser útil, transformando o ambiente em um território hostil. Com isso, percebe-se uma alusão as ações de governos municipais e estaduais que estavam causando efeitos colaterais, como a retração da economia, fato que poderia ser um fator negativo para uma possível candidatura do atual presidente para a reeleição de 2022.

Em um parágrafo (10) um pouco maior, o presidente faz questionamentos e dá exemplos almejando justificar o relaxamento do isolamento prescrito por prefeituras e estados. No primeiro período, Bolsonaro explicita, para justificar o que vem depois em seus argumentos, que as notícias mostram que o grupo de risco era o das pessoas acima de 60 anos. Com essa explanação, deixa de dizer que crianças e a população economicamente ativa poderia contaminar os familiares, podendo também passar para idosos ou o público mais debilitado,

com comordidades. Ademais, com o passar das semanas, constatou-se que mesmo o público adulto abaixo de sessenta anos estava morrendo e precisando de cuidados intensivos, revelando que o pensamento do presidente não abarcava todas essas possibilidades.

Dito isso, o Presidente da República fez um questionamento do motivo de se fechar as escolas. Com essa colocação, levanta outra polêmica aberta contra a esfera pedagógica, uma vez que desconsidera que o ambiente escolar é um espaço de aglomeração constante, em que, principalmente nas escolas públicas, dezenas de jovens ficam muitas vezes apinhados em uma sala desproporcional. Além disso, muitas unidades escolares acabam tendo até três períodos, sendo ocupada o dia todo por centenas de estudantes. Bolsonaro também desconsidera os diversos profissionais dessas unidades escolares, aos quais professores e funcionários que poderiam, além de ter mais de sessenta anos, também possuem comordidades, sendo também um público mais exposto. Por fim, dentro dessa polêmica no âmbito pedagógico, o presidente brasileiro estabelece uma relação dialógica conflitante com os exemplos dos diversos países que interromperam o ano letivo para preservação do isolamento/distanciamento social, visando a manutenção das vidas, bem como a normalidade dos serviços públicos de saúde.

Na sequência, vê-se mais argumentos que (d)enunciam a posição de Bolsonaro, asseverando que raros serão os casos fatais em pessoas com menos de 40 anos e que em 90% dos casos a população que se contaminasse não teria sintomas. Apesar disso, desconsidera que um agravante seria que o aumento dos portadores assintomáticos do vírus poderia acelerar a curva de contaminados e mortes, fato muito importante dentro da administração pública.

Com isso, o chefe da nação mostra argumentos de senso comum, sem exemplos e embasamento científicos que acabam por incentivar seus simpatizantes a não adotarem as recomendações de prevenção contra o Coronavírus, como: isolamento social, higiene com as mãos e uso contínuo de máscaras. Na conclusão desse parágrafo, novamente utiliza o verbo *dever*, afirmando que devemos ter cuidado para não transmitir o vírus para os outros, destacando as figuras dos pais e avós em seu discurso, seguindo as prescrições do Ministério da Saúde, que tem sob seu comando. Nesse sentido, ao mesmo tempo que recomenda o relaxamento das ações de prevenção, acaba por dar exemplos de cuidados com os familiares, acenando a necessidade de um isolamento seletivo.

No décimo primeiro parágrafo (11), Bolsonaro relata seu histórico de atleta e que se fosse contaminado pelo vírus, os sintomas seriam parecidos como uma *gripezinha* ou um *resfriadinho*, colocando essas palavras no diminutivo para atenuar os efeitos apregoados pelo Coronavírus. Desse modo, o presidente levanta uma polêmica aberta ao desconsiderar todas as

informações científicas, bem como os discursos e as recomendações de prevenção por autoridades de saúde de todo o mundo. Com isso, também desconsidera que a figura do presidente tem todo um aparato de médicos e exames ao seu dispor que grande parte da população não possui, dependendo dos serviços públicos que historicamente apresentam muitos problemas. Ademais, com essa afirmação, foi contra a opinião pública, os fatos divulgados pela mídia nacional e internacional e as recomendações da OMS, estabelecendo uma relação dialógica dissonante. Para finalizar seu raciocínio, traz como argumento, em tom irônico, um suposto comentário sem citar nomes diretamente, mas se referindo publicamente ao conhecido médico Dráuzio Varela que trabalha na emissora de TV Rede Globo. Numa postura de ataque direto, mesmo fazendo uso dos implícitos, acaba por atacar publicamente uma emissora de TV, usando de artifícios pouco científicos para justificar sua posição e sua recomendação para os brasileiros. Dentre as várias polêmicas levantadas pelo Presidente Jair Bolsonaro, a atenuação da pandemia por meio do diminutivo dos vocábulos *resfriado* e *gripe*, comparando a doença causada pelo Coronavírus como um entre os muitos resfriados e gripes mais comumente conhecidos pela população.

No décimo segundo parágrafo (12), afirma que enquanto estava falando em seu pronunciamento, o mundo estava buscando um tratamento para a doença. Cabe ressaltar que a questão da vacina, uma das frentes de trabalho amplamente divulgada pela mídia, só seria possível em no mínimo dois anos, respeitando todos os protocolos de saúde. Com isso, não exalta a ciência brasileira, visto que em seu governo os cortes vultosos na Educação e na Ciência fizeram com que centros de excelência tivessem que parar suas pesquisas, bem como muitos profissionais gabaritados tivessem que mudar de país para continuar seus projetos de pesquisas. Bolsonaro dá exemplo da FDA e do hospital particular Albert Einstein, em São Paulo, que estavam buscando comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento contra a COVID-19. O presidente dá como validador a Food and Drug Administration, FDA, que é uma agência federal do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, desconsiderando todo o trabalho de ponta desenvolvido pelas universidades públicas federais e estaduais.

Dentre as diversas polêmicas abertas, a questão do remédio cloroquina foi outra que perdurou por semanas em toda a mídia nacional, pois o presidente, em diversos momentos, explicitou sua posição quanto ao uso do medicamento, mesmo em pacientes em estágios iniciais da doença. Bolsonaro, no pronunciamento, reforça a eficácia do remédio que tem também fabricação nacional e é conhecido por ajudar no tratamento contra a malária, ao lúpus e a artrite. Com isso, mesmo não tendo a expertise da medicina, incentiva o uso de um medicamento que,

segundo a classe médica, poderia trazer contra indicações severas, sendo uma decisão muito particular de cada caso ou médico, conforme o grau da doença. Nesse sentido, vê-se outra relação dialógica dissonante ao que o presidente considera como certo, do que de fato a classe médica apregoa por meio de protocolos clínicos e comprovação científica a respeito dos benefícios e malefícios da cloroquina.

Tendo em vista que parte dos seus simpatizantes e eleitores são de um segmento da sociedade, que no meio político é denominado de *bancada evangélica*, o décimo terceiro parágrafo (13) inicia-se com um tom religioso, atribuindo a Deus o poder de capacitar pesquisadores e cientistas nacionais e internacionais na cura contra a COVID-19. Aqui, o presidente cria uma relação dialógica consonante com os diversos segmentos religiosos que simpatizam com o seu governo, tentando assim ampliar a adesão ao seu discurso a partir dessas colocações, fazendo que os sujeitos associem essa figura como temente a Deus, num discurso apelativo.

Na parte final do discurso (14), o presidente faz uma homenagem aos profissionais de saúde que estão na linha de frente, cuidando dos pacientes infectados, bem como pelo contágio dentro de seus ambientes de trabalho, exercendo suas funções profissionais. Com essa declaração, Bolsonaro tenta a adesão ao seu discurso por meio da solidariedade e simpatia de todos, uma vez que possuem um prestígio muito grande entre a população, ainda mais no meio da pandemia, em que muitas vidas foram salvas graças aos cuidados desses profissionais que se arriscaram em função dos deveres da profissão.

Na continuidade (15), novamente confirma a necessidade da população não entrar em pânico ou histeria, ratificando que ele tinha razão e dando um tom de otimismo ao seu discurso, asseverando que o Brasil venceria logo o vírus e todos se orgulhariam em viver em um novo país, dando um tom de discurso de campanha eleitoral, prometendo um país melhor. Tentando criar um cenário de otimismo, Bolsonaro vai contra as recomendações e dados estatísticos, ampliando um discurso de que a passagem da pandemia pelo país seria diferente do que foi em outros países, como na Ásia ou Europa. Na parte final de seu pronunciamento, (16) e (17), o presidente procura exaltar que todos estão cada vez mais unidos, indo contra ao que aparece na mídia e em seu próprio governo, base aliada, em que o Ministro da Saúde, dando entrevistas diárias para mídia e seguindo a recomendação da OMS, vai contra ao que é apregoadado pelo presidente em suas ações divulgadas pela mídia e seu discurso colocado nas diversas redes sociais. Por fim, encerra o pronunciamento novamente com um tom religioso, pedindo que Deus

abençoe a pátria, estabelecendo uma relação dialógica de consonância com parte do seu eleitorado.

Considerações finais

No período de quatro minutos e setenta e sete segundos, das mais de quinhentas palavras, o pronunciamento presidencial em nenhum momento discorreu a respeito dos mortos no Brasil em decorrência do Coronavírus, bem como do número crescente de casos suspeitos da doença chamada COVID-19. Cabe ressaltar a questão das condolências e solidariedade da perda das famílias, pois cada número representava uma perda dentro de uma família. Considerando o pronunciamento presidencial a respeito da pandemia como um *enunciado concreto*, pode-se perceber uma espécie de discurso de resistência às avessas, em que o Presidente da República lança para os interlocutores diversas polêmicas abertas, estabelecendo relações dialógicas dissonantes às prescrições de autoridades políticas e sanitárias, desprezando os fatos e os discursos científicos.

Indo contra aos discursos que apregoavam o isolamento social, bem como a quarentena para casos positivos da doença, o discurso presidencial mostra-se às avessas de todas as recomendações científicas, aludindo como um dos instrumentos do conceito de *necropolítica*, isto é, “uma política centrada na produção da morte em larga escala” (HILÁRIO, 2016, p. 194). Partindo desse conceito (MBEMBE, 2018), vê-se o quão nefasto pode ser o discurso de uma figura pública, principalmente sendo o chefe de uma nação, causando não somente polêmicas entre os diversos discursos a respeito da pandemia, mas causando estranhamento e dúvidas entre os cidadãos brasileiros sobre as recomendações das autoridades federais, estaduais e municipais.

Com isso, muitos brasileiros, principalmente os mais pobres (e menos esclarecidos), poderiam ampliar a contaminação, elevando os casos de internações, a superlotação dos hospitais, elevando o número de mortes entre a camada mais desfavorecida, que não tem acesso ao sistema privado de saúde. De maneira específica, este trabalho traz para agenda o poder que o discurso pode impactar a vida de uma pessoa, principalmente se esse discurso pode influenciar diretamente na vida de milhares de pessoas, bem como traz também luz a necessidade de discutirmos a influência dos discursos e a necessidade de ampliar a criticidade dos sujeitos.

Referências

ÁRAN, Pampa Olga. *Nuevo diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.

BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução a tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, L. A. et al . Manipulação, contramanipulação e persuasão no discurso presidencial: mecanismos circunstanciais ou sempre atuais?. *DELTA*, São Paulo , v. 19, n. 1, p. 31-63, 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000100002>.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado / enunciado concreto / enunciação. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HILÁRIO, L. C. Da biopolítica à necropolítica: variações foucaultianas na periferia do capitalismo. *SAPERE AUDE*, Belo Horizonte, v. 7 – n. 12, p. 194-210, jan./jun. 2016. Disponíveis: <file:///C:/Users/ANDERSON/Downloads/11813-Texto%20do%20artigo-44620-1-10-20160721.pdf> Acesso em 02 fev. 2020.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

SILVA, A. Análise bakhtiniana de um comercial para o dia dos namorados 2015: o caso da polêmica aberta de o Boticário. In: KOZMA, E. V. B.; PUZZO, M. B. (Org). *Múltiplas linguagens: discurso e efeito de sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 43-60.

SILVA, R. B. da. *Relações de saber-poder no pronunciamento de posse da presidente Dilma Roulseff*. 127f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2013. Acesso em xx abril 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15469>

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p 157-188.

VOLOCHÍNOV, V. N. Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 71 – 100.